



## Entre laços e caminhos: os nós que se ataram na minha jornada

Between ties and paths: the knots that were tied on my journey

Caroline de Paula Ribeiro<sup>1</sup>

Colégio de Aplicação João XXIII

### RESUMO

Este memorial de formação apresenta a trajetória pessoal, acadêmica e profissional de uma professora que se constrói na intersecção entre experiência, narrativa e reflexão crítica sobre a docência. A partir da metáfora do laço, o texto articula memórias da infância, vivências escolares, escolhas formativas e percursos profissionais que contribuíram para a constituição da identidade docente. O percurso descrito evidencia a centralidade da Educação Infantil, da pedagogia montessoriana e da Educação Matemática na formação da autora, destacando a articulação entre prática docente, pesquisa acadêmica e formação continuada. São abordadas experiências como a iniciação científica, a atuação docente em contextos presenciais e remotos durante a pandemia da Covid-19, a construção de um produto educacional no mestrado profissional e o exercício da coordenação pedagógica. O texto também problematiza a formação de professores, o papel do professor-pesquisador e a potência das narrativas na compreensão dos processos formativos. Por fim, o memorial reafirma a formação docente como um processo contínuo, atravessado por encontros, desafios e ressignificações.

**Palavras-chave:** Formação docente; Memorial de formação; Narrativa; Educação Matemática; Pedagogia Montessori.

### ABSTRACT

This formative memorial presents the personal, academic, and professional trajectory of a teacher whose development is shaped at the intersection of experience, narrative, and critical reflection on teaching. Through the metaphor of a knot, the text interweaves childhood memories, school experiences, formative choices, and professional pathways that contributed to the construction of the author's teaching identity. The narrative highlights the central role of Early Childhood Education, Montessori pedagogy, and Mathematics Education in the author's formation, emphasizing the articulation between teaching practice, academic research, and continuing education. The memorial discusses experiences such as undergraduate research, teaching in both face-to-face and remote contexts during the Covid-19 pandemic, the development of an educational product within a professional master's program, and the exercise of pedagogical coordination. Furthermore, the text problematizes teacher education, the role of the teacher-researcher, and the potential of narratives to deepen the understanding of formative processes. Finally, the memorial reaffirms teacher education as a continuous process, shaped by encounters, challenges, and ongoing re-significations throughout professional life.

**Keywords:** Teacher education; Formative memorial; Narrative; Mathematics Education; Montessori pedagogy.

“Eu nunca tinha reparado como é curioso um laço... Uma fita dando voltas. Enrosca-se, mas não se embola, vira, revira,

<sup>1</sup> Mestre em Educação Matemática e Pedagoga pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3181-7916>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5295096971532016>. E-mail: [caroline-ad@hotmail.com](mailto:caroline-ad@hotmail.com).

circula e pronto: está dado o laço. É assim que é o abraço: coração com coração, tudo isso cercado de braço.”

Mario Quintana

Entre fitas que se cruzam e caminhos que se encontram, vou tecendo a trama da minha história. Neste memorial, uso a metáfora de um laço, que não é somente um recurso poético, mas uma forma de compreender como as experiências se entrelaçam e ressignificam quem sou. Cada nó atado ao longo do percurso representa, como afirma Larrossa (2002, p. 21), “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” – e tudo isso se transforma em aprendizado, descoberta, em marcas deixadas pelo tempo e pelos encontros que moldaram a minha trajetória.

Ao escrever este memorial, assumo o compromisso de deixar a minha voz presente no texto. A minha escuta, as minhas interpretações e as minhas emoções também fazem parte do processo de construção do conhecimento. Narrar, para mim, é mais do que método: é gesto ético, político e afetivo. É um modo de estar no mundo em que entender o outro também é uma forma de me (re)conhecer. Ao entrelaçar histórias, deixo que os laços se formem naturalmente, em uma tessitura viva, pulsante, aberta às possibilidades de encontro e transformação.

Benjamin (1994, p. 205, grifo do autor) nos lembra de que “a narrativa não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. É exatamente isso que faço agora: mergulho nas memórias e deixo que elas se desdobrem, se desatem, se entrelacem novamente, compondo um laço que não é linear, mas que se fortalece a cada nó atado.

Ensinar e aprender são partes de um mesmo movimento, contínuo e infinito, como fitas soltas que, ao se juntarem, formam laços. O processo de formação de uma professora segue esse mesmo ritmo: fitas soltas que, com o tempo, vão se entrelaçando até tomarem forma. Mas como cheguei até a docência? O que me levou a escolher a Pedagogia como caminho? De que maneira minha trajetória na educação básica influenciou minhas escolhas? Como me conecto com o campo e com a temática que agora me propõe reflexiva?

Escrever sobre o percurso docente significa reconhecer a experiência como fonte de produção de conhecimento, capaz de atribuir sentidos às vivências e de revelar processos formativos que, muitas vezes, permanecem silenciados no cotidiano escolar. Nesse contexto, o memorial de formação surge como uma ferramenta para narrar e refletir sobre a trajetória

profissional e pessoal do educador, articulando diferentes tempos e dimensões da prática educativa. Trata-se de

(...) um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (...). Num memorial de formação, o autor é, ao mesmo tempo, escritor/narrador/personagem da sua história (...). O texto encadeia acontecimentos relacionados à experiência de formação, à prática profissional e também à vida – nesse caso, nos aspectos que, de alguma forma, explicam, justificam ou ilustram o que está sendo contado. O tempo a que se reporta pode estar ou não circunscrito: formação do período de um curso ou programa, formação do tempo de profissão ou formação humana geral. De qualquer modo, a escrita de um memorial de formação é sempre a partir do campo da educação (Prado; Soligo, 2007, p. 58-59).

Portanto, escrever esta narrativa é buscar respostas, porém também aceitar a inquietação das perguntas que ainda não sei responder. É um exercício de olhar para trás sem perder de vista o futuro, na expectativa de que cada experiência, cada laço atado e cada fita solta componham um movimento maior. Por isso, não apenas me apresento, mas também convido você, leitor, a caminhar comigo pelos entrelaços que deram forma a esta jornada, marcando algumas importantes características do contexto de produção das ideias aqui esboçadas.

Nasci e cresci em Astolfo Dutra<sup>2</sup>, uma pequena cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. Desde cedo, interessava-me por histórias, principalmente os contos sussurrados pelos mais velhos que faziam brilhar meus olhos. Neta de Judith e do senhor Oracy, cresci ouvindo histórias antigas e narrativas sobre a vida na e da roça, lembranças bordadas com a simplicidade e a sabedoria daqueles que vieram antes de mim. Eram histórias que, mais do que entreter, nutriam minha imaginação e me faziam enxergar o mundo que meus pés ainda não podiam alcançar.

Meu primeiro contato com a escola, na Educação Infantil, foi marcado por um processo de adaptação prolongado. Minha mãe trabalhava o dia todo e, por isso, minha irmã Cristiane tornou-se meu porto seguro dentro da escola, ficando sentada na escada ao lado da minha sala de aula de segunda à sexta-feira. Sua presença acalmou meus primeiros medos, até que, aos poucos, o desconhecido se transformou em algo interessante e prazeroso. O afeto que desenvolvi pelo espaço escolar resultava, em casa, na minha brincadeira preferida: escolinha.

---

<sup>2</sup> Astolfo Dutra é um município localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, com uma população de 14.138 habitantes, conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/astolfo-dutra.html>. Acesso: 10 maio 2025.

Era um faz de conta que, sem que eu soubesse, já desenhava os primeiros traços do caminho que eu escolheria trilhar.

Na escola, apesar de ser uma criança tímida, sempre encontrei refúgio na escuta atenta das histórias compartilhadas em cada aula. Não importava se falavam de tempos distantes ou de realidades desconhecidas. Cada narrativa se tornava um convite ao encantamento, uma nova fresta por onde eu poderia espiar o mundo que me esperava.

A curiosidade que hoje me move para superar meus desafios já se fazia presente ali, na infância, como uma fita invisível que entrelaçava aprendizados e desafios. A necessidade de independência, o desejo de movimento, a vontade de explorar múltiplas linguagens e de compreender os pequenos conflitos que a vida apresentou foram os primeiros laços dessa trajetória.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, eu permaneci na mesma escola municipal, contudo os horizontes se alargaram, trazendo novas descobertas, desafios e encantamentos. Da 1.<sup>a</sup> à 5.<sup>a</sup> série (atualmente 1.<sup>º</sup> ao 6.<sup>º</sup> ano do Ensino Fundamental), cada disciplina era um convite para aprender um pouco mais do mundo e, cada professora, uma guia nesse caminho. Algumas delas permanecem vivas em minha memória: Renata, dona Cida, Joelma, dona Bete... Mulheres que, sem saber, plantaram em mim as primeiras sensações do que um dia eu viria a me tornar.

Essa memória afetiva da infância escolar, carregada de experiências e gestos de outras mulheres-professoras, compõe o que Lortie (1975 apud Oliveira, 2011) denomina de biografia escolar. Segundo esse autor, a profissionalização do professor não começa formalmente na universidade, mas muito antes, desde os primeiros anos como estudante. Nesse percurso, apropriamo-nos de uma cultura de aula e de uma tradição pedagógica que, muitas vezes, não é tematizada ou refletida de maneira crítica, mas que molda nossos modos de ser e ensinar.

As lembranças dessa época são fragmentadas, evidenciadas por pequenos *flashes* de sensações e momentos, mas há rastros vivos em minha memória. Lembro-me, por exemplo, do primeiro ano de alfabetização, quando pude fazer um trabalho sobre minha história favorita: *A Branca de Neve*. Em outra série, da qual já não recordo o ano, fui novamente perpassada pela alegria de recontar outra narrativa que morava em meu coração: *O Sítio do Picapau Amarelo*. Eram apenas atividades escolares, todavia, para mim, significavam muito mais que isso. Foram pontes entre o real e o imaginário, entre o aprendizado e a paixão pelas histórias.

Ao ingressar nos anos finais do Ensino Fundamental, percebia que os desafios estavam crescendo junto comigo: a mudança de escola, a chegada da adolescência, os desafios sociais e um maior nível de dificuldade no aprendizado. O que antes fluía com naturalidade passou a exigir mais esforço, e a leveza das primeiras descobertas deu lugar às inquietações. As ciências exatas se tornaram abstratas, distantes, quase inatingíveis. Foi então que um rótulo começou a se formar: diziam que eu era “boa” na área de humanas e “ruim” na de exatas.

Essa definição me inquietava. Como um mundo inteiro poderia ser limitado a uma divisão tão rígida? Como algo que antes era acessível, de repente, se tornava tão complexo? A frustração crescia a cada dificuldade, porém, ao mesmo tempo, nascia em mim uma vontade de superar obstáculos e ressignificar meus próprios limites.

Apesar do apego às disciplinas de humanas, em que palavras e narrativas me acolhiam como velhas conhecidas, havia um incômodo latente: a sensação de não compreender certos conteúdos, de ser barrada por algo que não conseguia dominar. Não era apenas sobre cálculos ou fórmulas, mas sobre o desejo de transitar por todos os territórios do conhecimento.

A inquietação, no entanto, nunca foi impeditiva. Pelo contrário, foi impulso. Aprendi que os desafios, por mais desconfortáveis que fossem, tinham o poder de me mover. Pouco a pouco, fui compreendendo que aprender não era sobre encaixar-se em rótulos. Era a coragem de atravessá-los.

Eis que chegou o Ensino Médio e, com ele, a pressa do tempo. Logo percebi que tudo parecia girar em torno do que viria depois: o temido vestibular. As aulas, os conselhos, os simulados, tudo apontava para um futuro que parecia mais próximo e incerto a cada dia. Meu fascínio pelas ciências humanas permaneceu, enquanto a dificuldade com as exatas ainda lançava sua sombra sobre mim. Entretanto, dentro desse medo também habitava um desejo latente: o de superação.

Foi assim que, entre dúvidas e certezas, entre paixões e desafios, decidi cursar Pedagogia. Escolher o curso era muito mais do que optar por uma profissão, era entrelaçar minhas preferências pelo universo do conhecimento com a necessidade de compreender minhas próprias dificuldades. A possibilidade de ingressar no curso era não apenas a possibilidade de exercer um ofício que sempre admirei, mas também a liberdade de explorar diferentes áreas e escolher um rumo dentro de um campo vasto.

Além disso, havia, ainda, uma inquietação maior que me guiava: a vontade de entender o próprio sistema educacional, de olhar para ele com outros olhos, de buscar respostas para as dificuldades que eu mesma havia enfrentado. Talvez, de alguma forma, minha escolha fosse inclusive um ato de reconciliação, um jeito de transformar aquilo que um dia me desafiou em ferramenta para construir caminhos mais acessíveis para outros, reconhecendo o potencial de uma educação básica de qualidade. Ali, possivelmente, já havia meu instinto de buscar na formação inicial formas de aprimorar minha prática.

Iniciei a graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora em meados de 2015, logo após encerrar o ciclo do Ensino Médio. Mal havia me despedido de uma fase e já me via mergulhando em outra, sem tempo para pausas ou respiros. Era como se duas correntes se encontrassem: a despedida da adolescência e o início de uma jornada repleta de descobertas, desafios e responsabilidades.

A novidade não foi apenas acadêmica, foi também geográfica e emocional. Deixei para trás as ruas conhecidas da minha cidade natal e me vi diante de uma nova paisagem: maior, intensa, carregada de possibilidades e incertezas. Vinda de uma escola pública do interior, o universo da universidade se revelou um campo de encontros inesperados, de vivências antes inimagináveis, de realidades que nunca haviam sido tangíveis para mim. Cada pessoa que cruzava meu caminho trazia consigo um mundo próprio e, a cada nova história, eu me expandia um pouco mais.

O ingresso na universidade coincidiu com um momento delicado: o ano em que minha mãe, alicerce da nossa casa e sustento da família, ficou desempregada. Ainda assim, nunca deixou de me incentivar, de fazer esforços para que essa mudança acontecesse, de segurar minha mão para que eu pudesse dar esse passo sem medo. Foi um período de amadurecimento rápido, sem tempo para hesitações. Diante das circunstâncias, contei com o apoio estudantil oferecido pela faculdade e, mais do que nunca, compreendi a importância das políticas públicas de acesso e permanência.

O apoio estudantil da UFJF foi mais do que um auxílio financeiro, foi a ponte que me permitiu continuar, resistir e construir meu caminho dentro da universidade. Entendi, já nos primeiros meses na graduação, que a educação não era apenas um direito, mas um espaço de disputa, de resistência, de luta por equidade. Estar ali não era apenas sobre mim, mas sobre

tantos outros que, como eu, viam na formação acadêmica uma oportunidade de transformação social.

Para complementar a renda e sustentar os primeiros passos dessa nova jornada, busquei um estágio não obrigatório remunerado, pois seria uma forma de contribuir para os custos da vida que se desenhava diante de mim. Realizei alguns processos seletivos até que a oportunidade chegou: fui selecionada para estagiar em uma escola montessoriana. Mal sabia eu que, ao atravessar os portões daquela instituição, eu não apenas iniciaria minha trajetória profissional, mas, sobretudo, me encontraria diante de um novo olhar para a educação, um olhar que mudaria completamente a forma como eu compreendia o ato de ensinar, que permanece até hoje, cerca de dez anos depois.

Desde o primeiro período da graduação, mergulhei na prática da Educação Infantil dentro desse universo encantador e desconhecido. Eu, que sempre estudei em escolas públicas convencionais, que ainda não conhecia os grandes filósofos da educação e nunca tinha ouvido falar em Maria Montessori, vi-me diante de um cenário que rompia com tudo o que eu imaginava sobre uma sala de aula. Ali, cada detalhe parecia ter sido pensado para acolher e provocar o aprendizado: móveis à altura das crianças, materiais cuidadosamente dispostos, um ambiente em que pulsava vida.

Logo depois, observei as crianças explorando o ambiente com a liberdade de quem sabe que pertence àquele espaço. Nenhum comando rígido, nenhum silêncio forçado. Apenas a harmonia de um aprendizado que fluía no ritmo de cada um. Meus olhos brilhavam. Como assim existe uma escola tão cheia de significado? Como nunca haviam me contado sobre Montessori? Queria entender, desvendar e absorver cada detalhe daquele método que parecia tão revolucionário e, ao mesmo tempo, tão natural.

Durante os quatro anos de estágio, acompanhei três professoras diferentes e, com cada uma delas, aprendi um pouco mais sobre a docência, sobre o olhar atento às crianças, sobre a importância de respeitar seus tempos e necessidades. Foram anos de aprendizados intensos, nos quais eu, sem perceber, já começava a desenhar minha identidade profissional. Mais do que aprender a ensinar, comecei a refletir sobre o que significa formar-se professora: um processo contínuo, inquieto, que se renova a cada experiência, a cada pergunta, a cada desejo de compreender mais.

No mesmo período do estágio, realizava encontros importantes no curso de Pedagogia. Durante a disciplina Fundamentos Teóricos-metodológicos e Prática Escolar em Matemática I, fui apresentada a uma ampla discussão sobre o ensino e a aprendizagem dos conceitos matemáticos, o que despertou em mim um interesse profundamente enraizado em minha trajetória. Sempre me deparei com desafios nessa área quando estudante, e a possibilidade de atuar como professora nessa mesma disciplina trazia consigo um misto de inquietação e responsabilidade. Como poderia ensinar com leveza aquilo que, por tanto tempo, me pareceu difícil e inacessível? Como transformar o aprendizado da matemática em um campo de possibilidades e não de frustrações?

Foi assim que outro universo se abriu para mim: o da pesquisa acadêmica na área da Educação Matemática. Ao conhecer os grupos de pesquisa da Faculdade de Educação, vi que ali havia um espaço essencial para minha formação. Com essa certeza, participei de um processo seletivo para uma vaga de iniciação científica na área do ensino de ciências e matemática. O primeiro resultado foi um “não”, mas insisti. Sabia que aquele percurso tinha algo a me ensinar. Meses depois, fui aprovada em uma nova seleção, e assim iniciei minha trajetória na pesquisa, integrando um projeto que investigava as práticas docentes em ciências e matemática de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em início de carreira.

Esse projeto trouxe encontros que enriqueceram ainda mais minha visão sobre o ensino. Trabalhar ao lado de professores pesquisadores da UFJF, docentes dos anos iniciais, graduandos e pós-graduandos de diferentes áreas – Pedagogia, Matemática, Química – me fez perceber o quanto a educação é um campo de diálogo constante, de trocas que atravessam disciplinas e experiências. Saber que, em breve, eu também estaria na sala de aula me impulsionava a buscar, naquele espaço, um aprimoramento real da minha formação.

Após dois semestres como bolsista de iniciação científica, tive a oportunidade de continuar nessa jornada, então por meio de um projeto de extensão no mesmo grupo de pesquisadores. Passei a produzir e apresentar trabalhos sobre Educação e Educação Matemática em eventos locais, nacionais e internacionais, ampliando os horizontes da minha trajetória.

Foi assim que compreendi que minha formação não se daria apenas dentro da sala de aula, mas também nas investigações que me levavam a pensar, a partir dos referenciais teóricos, em formas de ensinar que fossem significativas e acessíveis. Se a matemática já havia sido, para

mim, um território de desafios, então se tornou um espaço de descobertas; uma nova fita a se entrelaçar nos laços da minha identidade docente.

Em busca de unir minhas vivências, a experiência do estágio e os aprendizados da graduação, encontrei no meu Trabalho de Conclusão de Curso a oportunidade de transformar minhas inquietações em pesquisa. Para isso, decidi investigar o método Montessori no ensino e na aprendizagem da matemática na Educação Infantil. Queria entender como ocorria o processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina nesse nível de ensino a partir do método Montessori. A análise dos dados evidenciou que a matemática não era uma área isolada dentro da sala montessoriana, mas um fio que perpassa toda a experiência do ambiente. Ela estava presente nos materiais manipuláveis das prateleiras e nas descobertas cotidianas que ampliavam o vocabulário infantil. Além disso, percebi que, dentro desse universo, as crianças não apenas aprendiam a matemática, elas a experienciavam. Ao lidar com os materiais, ao resolver desafios propostos pelo ambiente, ao encontrar soluções para situações-problema que surgiam naturalmente no dia a dia, as crianças construíam conexões entre os conhecimentos adquiridos e a realidade da vida.

Meu TCC, portanto, comprovou-me algo que a sala de aula e a pesquisa acadêmica já me ensinavam: aprender não é apenas absorver informações, mas entrelaçar significados e conectar experiências.

Concluir a graduação, em 2018, foi como atravessar uma ponte e, ao pisar do outro lado, encontrar não um fim, mas um novo recomeço. A escola que me formou também me acolheu como professora regente, agora com um olhar amadurecido e pronta para construir minha própria trajetória docente. Diante disso, assumi uma turma da Educação Infantil composta por crianças de 3 a 6 anos, uma vez que, na pedagogia montessoriana, as idades se misturam, os saberes se enovelam, e cada criança encontra seu ritmo dentro de um ambiente que respeita sua individualidade. Eu, então professora, reencontrava esse espaço sob uma nova perspectiva: não mais como aprendiz, mas como guia.

Em 2020, um novo desafio surgiu: fui convidada a atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma turma de crianças entre 6 e 9 anos. Aceitei o convite disposta a expandir meus horizontes, mas fui surpreendida, assim como o mundo inteiro, pela chegada da pandemia da Covid-19. De uma hora para outra, a sala de aula tornou-se virtual, e os encontros presenciais deram lugar às interações mediadas por tecnologia. De abril de 2020 a setembro de 2021, atuei

no ensino remoto, entre atividades síncronas e assíncronas, buscando reinventar-me diante de um cenário incerto.

Foram experiências intensas, marcadas por desafios diáridos e pela necessidade de adaptação constante. Compreendi, então, que ensinar é também estar disposta a aprender todos os dias, a questionar práticas e a repensar caminhos. As demandas do contexto escolar me fizeram enxergar a formação continuada como um processo que não termina com um diploma, mas se desdobra ao longo da vida, na busca por aprimoramento e reflexão crítica.

Assim que concluí a graduação em Pedagogia, senti que um novo laço precisava ser atado. A matemática, que outrora me desafiara, agora se tornava uma fita essencial na minha trajetória, e eu desejava entrelaçá-la com maior firmeza à minha formação. Foi com esse desejo que me inscrevi na especialização em ensino de ciências e matemática e fui aprovada no processo seletivo.

O curso começou no calor dos encontros presenciais, nos debates das salas de aula, todavia logo precisou se reinventar na frieza das telas devido à pandemia. Ainda assim, permaneceu sendo um espaço de troca e amadurecimento, um lugar onde pude explorar as interseções entre teoria e prática no ensino dessas áreas.

Ao final da especialização, meu olhar já havia se transformado. Percebia que até mesmo as disciplinas de matemática e ciências poderiam ser apresentadas de maneira significativa à realidade das crianças. Foi assim que, no trabalho intitulado “A literatura como instrumento de aprendizagem em matemática: uma análise de suas potencialidades”, defendido em novembro de 2020, investiguei possibilidades e contribuições do uso da literatura infantil no ensino da matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Se os números, muitas vezes, pareciam abstratos e distantes, as histórias poderiam aproxima-los da realidade dos estudantes, conectando-os à imaginação, à ludicidade e ao encantamento.

Seguindo esse fio condutor, passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GREPEM) da Faculdade de Educação da UFJF, grupo com o qual anteriormente tivera contato, pois o coordenador havia sido meu orientador na iniciação científica que realizei na graduação. Nessa proposta, envolvi-me em um projeto voltado à formação de professores que ensinam matemática na Educação Básica. Mais um laço se formava, unindo-me a um coletivo de educadores, pesquisadores e estudantes que, assim como eu, intencionavam compreender os desafios e as possibilidades desse ensino.

Esse projeto, ainda em andamento, investiga a formação e o desenvolvimento profissional do professor que ensina matemática, analisando os eixos que conectam sua formação inicial e continuada. Nesse contexto, almejamos compreender como a colaboração, as narrativas e os grupos de estudo podem ser fios condutores de aprendizado, costurando práticas reflexivas e transformadoras.

Além disso, investigamos como diferentes estratégias de ensino podem provocar mudanças significativas na formação de professores e estudantes, promovendo uma aprendizagem mais acessível e significativa. Queremos entender de que maneira o ensino da matemática pode se tornar mais dinâmico e envolvente, quando o professor se permite explorar metodologias diferentes, entrelaçando conceitos matemáticos com outras linguagens, tornando-os parte de um tecido pedagógico mais amplo e conectado à realidade dos alunos.

Além dos trabalhos e dos estudos desenvolvidos nos cursos acadêmicos, senti a necessidade de buscar nós que me ligavam à filosofia montessoriana. Minha trajetória já estava emaranhada a essa abordagem, mas eu queria ir além, aprofundar-me nos fundamentos que sustentavam essa prática e, sobretudo, trocar experiências com outros educadores que, assim como eu, viviam a docência a partir desse olhar. Sentia que minha formação precisava de conexões mais amplas, de encontros que me ajudassem a compreender e ressignificar minha própria prática.

Foi assim que iniciei uma busca por formações especializadas no Brasil e pela participação em Conferências e Encontros organizados pela Organização Montessori do Brasil (OMB). Esses espaços proporcionaram experiências fundamentais e cada troca de conhecimento se convertia em uma nova fita para compor meu laço que reforçava meu entendimento sobre a prática montessoriana.

Dentre os cursos realizados, destaco a Formação em Montessori - 0 a 6 anos pela Mediar Desenvolvimento Humano, que me permitiu mergulhar nas bases do método aplicado à primeira infância, e A Matemática sob o Enfoque Montessori para as classes de 6 a 9 anos, oferecido pelo Centro de Estudos Montessori do Rio de Janeiro, que expandiu meu olhar para o ensino da matemática dentro dessa abordagem.

Mesmo durante a pandemia, os estudos não cessaram. Pelo contrário, encontrei-me fiando minha trajetória formativa. Participei de cursos como Matemática na Prática do Ensino Fundamental e Educação dos Sentidos numa Perspectiva Montessoriana, experiências que

reafirmaram minha convicção de que o aprendizado montessoriano vai além dos materiais e do ambiente preparado. Ele se dá na sensibilidade do olhar, na escuta atenta, na construção do conhecimento que respeita os sentidos, o tempo e as singularidades de cada criança.

Cada curso, cada conferência, cada encontro foi um laço que se firmava, um nó que fortalecia a tessitura da minha caminhada na educação. Assim sigo, entre aprendizados e descobertas, sabendo que a formação nunca se encerra. Ela apenas se refaz. Ajusta-se e se expande, como um laço que se entrelaça continuamente, dando novas formas à trajetória docente.

Em março de 2021, um novo fio se entrelaçou à minha trajetória: ingressei no Mestrado Profissional em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Dessa vez, minha pesquisa voltava-se para a minha própria prática docente, para as experiências vividas em sala de aula durante um dos períodos mais desafiadores da educação – a pandemia da Covid-19. Como professora que ensinava matemática em uma escola montessoriana, eu me perguntava: quais possibilidades, limites e adequações foram realizadas com os materiais montessorianos nas práticas de sala de aula durante a pandemia?

Essa inquietação guiou meu estudo e me permitiu investigar as formas de trabalho com a matemática no ensino remoto, desvendando os desafios e as adaptações necessárias para manter vivo o aprendizado das crianças, mesmo à distância. A partir da abordagem qualitativa, analisei as experiências de ensino da matemática com alunos do 3.º ano do Ensino Fundamental em uma escola montessoriana de Juiz de Fora, refletindo sobre os desdobramentos dessa vivência no meu processo de formação profissional e acadêmico.

A escolha pela pesquisa da própria prática não foi apenas um método investigativo. Foi um chamado. Eu sempre procurei na pesquisa um caminho para aprimorar minha atuação docente, e esse desejo encontrou eco nas discussões sobre formação de professores.

Foi então que me reconheci no que Lima e Nacarato (2009) chamam de professor-pesquisador, aquele que toma sua própria prática como objeto de estudo e, ao investigá-la, transforma-se no processo. Ao longo da pesquisa, fui compreendendo que o ensino e a pesquisa não são caminhos paralelos, mas fitas que se entrelaçam, criando novas possibilidades de compreensão e ressignificação do fazer pedagógico. Como afirmam as autoras, ao participar de um acontecimento, modificamo-nos, e, ao vivenciar essa investigação, eu já não era a mesma professora que havia começado tal jornada.

O mestrado não apenas fortaleceu meu olhar investigativo, mas também viabilizou construir um Produto Educacional, um laço concreto entre a pesquisa e a prática docente. Nesse material, apresentei os materiais montessorianos utilizados para ensinar o Sistema de Numeração Decimal, a multiplicação e a divisão; recursos muitas vezes desconhecidos, contudo de grande potencial didático. Mais do que isso, busquei formas de adaptar esses materiais para professores que não atuam em escolas montessorianas, oferecendo possibilidades acessíveis para tornar o ensino da matemática mais significativo em diferentes contextos escolares.

Os materiais propostos não se restringem às escolas particulares ou especializadas; pelo contrário, podem ser integrados à realidade das escolas públicas, promovendo novas práticas pedagógicas para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, o produto também indica recursos virtuais que foram explorados durante o ensino remoto e que podem continuar sendo utilizados como ferramentas das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no contexto presencial.

Finalizar o mestrado com esse material foi, para mim, mais do que um encerramento, foi um ato de partilha. Se a Universidade me acolheu e me formou na pesquisa e no ensino, nada mais justo do que retribuir à comunidade educacional, oferecendo um material que pudesse contribuir com a prática de outros professores. Afinal, ensinar e aprender são fitas que se cruzam constantemente, e a educação se fortalece quando os laços que criamos não são apenas para nós mesmos, mas também para aqueles que virão depois.

No decorrer do Mestrado Profissional, continuei no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GREPEM), onde me envolvi em discussões sobre a formação inicial e continuada de professores que ensinam matemática, sobre as práticas pedagógicas e os processos de ensino e aprendizagem dessa área. Cada encontro, cada debate, era um nó que se atava à minha trajetória, fortalecendo meu olhar investigativo e ampliando minha compreensão sobre o ensino.

Mais do que um espaço acadêmico, o GREPEM se tornou um território de pertencimento. A pesquisa não era apenas um exercício teórico, mas um instrumento para narrar e compreender minha própria caminhada na docência. Foi ali que me encantei pelos entremeios da pesquisa narrativa, seus pressupostos teórico-metodológicos, a possibilidade de dar voz às experiências, de compor sentidos com base nas histórias e de iluminar os caminhos da formação docente por meio das narrativas de quem ensina e aprende.

Nesse entrelace entre teoria e prática, entre sala de aula e investigação acadêmica, nasceu em mim um desejo: explorar a potência da narrativa como ferramenta de reflexão sobre a docência. Afinal, ensinar e aprender são movimentos contínuos, laços que se cruzam e se fortalecem ao longo do tempo.

Enquanto consolidava essas aprendizagens, um novo capítulo se desenhava na minha vida profissional. Em 2022, tornei-me coordenadora pedagógica da Educação Infantil na escola montessoriana em que trabalhava. A coordenação trouxe um novo olhar, um novo ritmo e novas inquietações. Se antes eu conduzia um grupo de crianças em sua jornada de descobertas, agora precisava pensar a escola como um organismo vivo, onde cada educador, cada família, cada experiência se enovelava para construir um ambiente verdadeiramente significativo para a aprendizagem.

Foi nesse lugar de escuta, observação e responsabilidade que me deparei com desafios que iam além da sala de aula. A formação continuada dos professores se revelou um ponto central para transformar a escola em um espaço autêntico de trocas, reflexões e aprofundamento da prática montessoriana. Como garantir que os educadores não apenas reproduzissem técnicas e materiais, mas que realmente compreendessem a filosofia de Maria Montessori em sua totalidade? Como criar uma cultura escolar que incentivasse o autoconhecimento, a prática reflexiva e o desenvolvimento de um olhar atento e sensível para a infância?

Maria Montessori (2017) já apontava que o papel do professor dentro de sua abordagem exige intencionalidade pedagógica, ou seja, a construção consciente de um ambiente que favoreça a autonomia, a concentração e a aprendizagem. Entretanto, isso não poderia ser um movimento isolado. A formação do professor montessoriano não se limita ao domínio dos fundamentos teórico-metodológicos. Ela há de ser um processo vivo, contínuo, de imersão e transformação. É um percurso que envolve mais do que conhecimento técnico, exige integração, troca e, sobretudo, a capacidade de refletir sobre a própria prática.

Foi a partir desse olhar que a necessidade de aprofundamento se tornou inevitável. A experiência como coordenadora acendeu em mim perguntas que não cabiam apenas na rotina escolar e precisavam ser investigadas, discutidas, compreendidas em maior profundidade. Foi assim que nasceu o desejo de avançar para a pesquisa no doutorado. Se a formação continuada do professor é um espaço de encontro e diálogo, como podemos fortalecê-la para que sua

atuação em sala de aula seja verdadeiramente significativa? Como criar uma cultura formativa que não se esgote em cursos, mas que se traduza em uma mudança real no fazer pedagógico?

Por acreditar na formação continuada como um alicerce essencial para a educação básica, escolhi o Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – da Universidade Federal de Juiz de Fora para dar continuidade a esse percurso. A possibilidade de escrever uma tese dentro de um espaço dedicado à formação de professores é, para mim, uma oportunidade singular de crescimento intelectual e profissional.

Ingressar no doutorado foi mais do que uma conquista acadêmica; foi um ato de coragem diante dos meus próprios anseios e medos sobre a formação docente. Mais uma vez, encontrei na pesquisa uma fita que se entrelaçava ao ensino, uma forma de seguir buscando, explorando e construindo novos caminhos. Além disso, a oportunidade de ser orientada por professores qualificados e comprometidos com essa área de estudo me proporciona trocas valiosas, que ampliam e enriquecem o desenvolvimento do meu trabalho.

Nesse diálogo entre o vivido e o estudado, percebi: minha pesquisa não seria apenas um exercício acadêmico. Será um espelho da minha própria trajetória na educação. Hoje, apesar de não estar mais nessa escola, vejo minha atuação transformada e perpassada pelos princípios aprendidos. Minha trajetória me trouxe até aqui, enredando a prática e a pesquisa ao desejo de compreender mais para transformar melhor. A experiência na coordenação não foi apenas uma etapa da minha carreira, foi o limiar de uma investigação que, assim como a educação montessoriana, continua a se desdobrar, em busca de novos sentidos e caminhos.

Atualmente, sigo atando as fitas do meu curso de doutoramento após a qualificação e sinto-me prestes a inaugurar uma nova travessia. No dia 18 de agosto de 2025, fui nomeada no concurso público para a carreira EBTT no Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora. Trago, comigo, o sentimento de que chegou o tempo de contribuir e retribuir a uma educação pública de qualidade. Sei que muitas experiências virão, e que cada uma delas me atravessará, ressoando no meu *continuum* formativo.

Assim como o laço bem dado depende do gesto preciso, do entrelaçar delicado e do ajuste sutil de suas pontas, também a formação docente se constrói em camadas. São fios que se cruzam, se firmam e se renovam no tempo. Cada encontro formativo é um nó tecido na trajetória: ora aperta convicções, ora afrouxa conceitos antigos para abrir espaço a novas reflexões. Pressinto que, nos próximos passos, vivenciarei novas voltas, novos apertos e ajustes.

Mas reconheço que já há fios entrelaçados que anunciam reflexões sobre meu ser e fazer docente. Pois, na vida dos laços, o que nos atravessa permanece: delicado, firme e cheio de sentido.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

LIMA, C. N. M. F.; NACARATO, A. M. A investigação da própria prática: mobilização e apropriação de saberes profissionais em Matemática. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 241-266, 2009.

MONTESSORI, M. **A descoberta da criança:** pedagogia científica. Tradução de Aury Maria Azélio Brunetti. Campinas: Kirion, 2017.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: Contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio/ago. 2011.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de formação - Quando as memórias narram a história de formação. In: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é fazer história - revelações-subversões-superações**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007. v. 1, p. 45-60.

## HISTÓRICO

**Submetido:** 10 de dezembro de 2025.

**Aprovado:** 15 de dezembro de 2025.

**Publicado:** 31 de dezembro de 2025.